

## SOBRE A EXISTÊNCIA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS <sup>1</sup>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Glória Maria Ferreira Ribeiro – DFIME – UFSJ  
(Bolsista PET-Filosofia/UFSJ MEC/SESu/Depem)  
Co-autora: Débora Cristina Resende – Graduanda em Filosofia – UFSJ  
(Bolsista FAPEMIG)

Resumo: Esse ensaio visa compreender a dimensão da existência dentro da narrativa de Riobaldo, personagem central de Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa. A nossa meta principal é explicitar a relação entre os fenômenos de existência e memória dentro do romance de Rosa.

Palavras-chave: Existência, Memória.

---

“Vou lhe falar. Lhe falo do sertão.  
Do que não sei. Um grande sertão!  
Não sei. Ninguém ainda não sabe.  
Só umas raríssimas pessoas -- e só  
essas veredas, veredazinhas. O que  
muito lhe agradeço é a sua fineza  
de atenção.”

**G**rande Sertão: Veredas, publicado em 1956, mesmo ano da publicação de Corpo de Baile, foi classificado por Manuel Cavalcanti de Proença como uma epopéia (PROENÇA, 1991), esse romance se constitui no relato das memórias de Riobaldo, relato das suas venturas e desventuras no sertão de Minas Gerais.

Pode-se afirmar que toda a narrativa se constitui na tensão entre opostos, tensão que Afrânio Coutinho identificou como um “grande princípio de reversibilidade, dando-lhe um caráter fluido e misteriosa eficácia” (COUTINHO, 1991, p. 305). Princípio que, segundo esse autor, pode ser percebido nas ambiguidades presentes na narrativa. Ambiguidade que permeia o cenário, as ações e as relações do protagonista, cujo eixo principal se revela no jogo de “Dês”: Diadorim, Deus e o diabo (CAMPOS, 1991) no qual Riobaldo se vê lançado ao realizar a sua existência de sertanejo.

Diadorim é a um só tempo homem/mulher, bem/mal, caminho/desvio, mostrando-se como o horizonte que norteia os passos de Riobaldo na sua vida de jagunço; Deus é a

---

<sup>1</sup> Esse artigo é fruto do Projeto de Iniciação Científica Existência e Linguagem no Grande Sertão: Veredas ou Riobaldo e a experiência do entre dois: um possível diálogo entre Rosa e Heidegger. Financiado pela FAPEMIG em Parceria com o Programa de Educação Tutorial do MEC-SESU.

força que impele Riobaldo em busca do bem e que assume a forma de uma vingança contra Hermógenes, o assassino de Joca Ramiro; busca (do bem) que confina com o mal porque Riobaldo, para tornar-se apto para liderar os jagunços nessa vingança, deverá tornar-se um pactário num confronto com o Diabo - confronto que nunca se confirma ou se desmente ao longo da narrativa.

Riobaldo encarna o próprio princípio da existência que não nos permite medi-la, calculá-la. Existir é já sempre encontrar-se abandonado à sua própria sorte; abandonado, jogado no mundo sem se saber ao certo a nossa proveniência – o nosso nascimento (fenômeno que pode ser verificado na narrativa pela aura de mistério que envolve o nome do pai de Riobaldo); o nosso destino e o que aí nos espera (e que se verifica nos diferentes rumos que Riobaldo toma: como professor, jagunço, Tatarana, Urutu-Branco e fazendeiro retirado no meio das suas lembranças) e a nossa morte (que se revela na experiência dos limites da existência e, para Riobaldo, como a morte de Diadorim). Existir assim, é estar no meio, é estar entre dois (extremos), ou conforme se impõe no romance de Rosa, é travessia.

A narrativa que compõe Grande Sertão: Veredas se mostra como o relato das memórias de Riobaldo. Contudo, não se trata de uma narrativa que se desenvolve dentro do tempo linear. O romance, ao se estruturar a partir da fala de Riobaldo, se apresenta como o “fluxo contínuo” dessa fala: “O Grande Sertão: Veredas não é dividido em capítulos, é um fluxo contínuo, sem pausa, um só fôlego, riorcorrente. A ordem dos ventos é a ordem da memória.” (CAMPOS, 1991, p. 327).

O que iremos investigar ao longo desse ensaio é a relação entre existência e memória, visando evidenciar a narrativa de Riobaldo como o lugar de acontecimento desses fenômenos.

Existência e travessia: o “entre dois”

Ao nascer, nos vemos lançados no meio do mundo que nos é dado pronto. Todos os papéis já foram distribuídos e assumidos pelas pessoas. O papel que nós temos que desempenhar no mundo, também parece já ter sido escrito: nascemos, existimos no desempenho de uma tarefa (seremos chefes ou empregados ou desempregados; mestres ou discípulos ou aquele que se encontra aquém de qualquer ofício; etc.) e morremos. Ao nascermos, somos lançados no meio da existência - limitados de um lado

pelo nosso nascimento, que nos joga de chofre no mundo, e de outro pela morte que nos espreita. Não existe modo de escolha: temos sempre que assumir essa existência e os limites que lhe são inerentes.

Contudo, o fato dessa existência ser sempre limitada e do mundo encontrar-se previamente determinado - implica certa dose de ilusão porque, de fato, tudo se encontra por fazer. O fato de nos encontrarmos confinados, limitados entre nascimento e morte, não significa uma restrição ou privação; tampouco, esse confinamento nos assegura o que devemos ser em nossa existência no mundo. Nós é que temos sempre que realizar a existência na qual fomos lançados, e nessa realização, nada existe de certo e seguro. Isto porque ao realizá-la, continuamente temos que nos ocupar com o mundo do qual fazem parte os outros e as coisas - e, nessa ocupação, temos que descobrir significado para eles, e para nós mesmos. Por isso o mundo, nele mesmo, sempre nos escapa. Ele apenas se deixa apreender desde o modo como nos ocupamos com ele - seja como o mundo do estudo, mundo da pintura, mundo do sertão, etc. - daí a ilusão de que ele, mundo, já se encontre determinado. O mundo, em si mesmo, nunca se deixa encontrar.

Por isto nos diz Riobaldo: "Sertão - se diz-, o senhor querendo procurar, nunca não encontra" (ROSA, 1994, p. 542). Não encontramos o mundo/sertão porque ele traduz as possibilidades do homem que, ao serem realizadas, se encobrem como o puro possível. Por isso "... o sertão é grande ocultado demais." (ROSA, 1994, p. 724). "Grande" porque ele é perfeito de "vazio", daquilo que ainda deverá ser realizado, nisto mesmo que já foi feito (encontrando-se esse vazio/possível já sempre "ocultado" nesse feito). "Sertão: estes seus vazios." (ROSA, 1994, p. 37). O possível, o vazio do mundo constitui o nosso ser, por isso, ainda é Riobaldo quem afirma: "Sertão: é dentro da gente" (ROSA, 1994, p. 436).

Ao nos encontramos lançados nesse vazio/possível que é o mundo, realizamos o sentido finito de nossa existência. Existimos como mortais. Somos mortais, isto significa: todas as nossas ações, por maiores ou menores que sejam, estão fadadas ao fim. Tudo há que ser conquistado continuamente. Porém, tudo que é conquistado, dura sempre pouco. "Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol? Uma geração vai, uma geração vem, e a terra sempre permanece" (ECL, 1,3-4).

A palavra de Coélet<sup>2</sup> nos remete para o caráter efêmero da existência. O homem não tira nenhum proveito do seu trabalho, tudo se esvai, tudo se perde. E novamente o seu trabalho de encontrar sustento e sentido para a sua existência tem de ser recomeçado.

Assim, o homem está sempre em falta, em débito. A imperfeição humana reside, precisamente, no fato da sua existência ser sempre e cada vez uma possibilidade de ser, que poderá ou não ser realizada. A sua imperfeição reside, portanto, na sua contingência. Em função desta constituição existencial, toda ação se mostra inútil e todo fazer vão. As ações e os fazeres não possuem necessidade e utilidade para fora deles mesmos. Nada há de necessário ou de certo na existência humana. A única certeza do existente é a morte.

E só o homem é capaz da morte como morte<sup>3</sup>. Isto porque a morte assume para esse ente a dimensão radical de limite – dimensão da mais radical ambiguidade porque o limite de algo é a dimensão em que confinam o ser e o não ser. A soleira de uma casa, por exemplo, é marco de limite. Desse marco para dentro, nos vemos abrigados no conforto da nossa casa, próximos daquilo que nos é familiar. Contudo, é desse marco para fora, que a nossa casa se abre para aquilo que existe de estranho e distante. Por isso a soleira da casa diz o limite no qual confinam o dentro e o fora – marco de ambiguidade<sup>4</sup>.

Ao transpormos o exemplo da soleira para o fenômeno da morte (e para o limite que esse fenômeno expressa) observaremos que, cotidianamente, morremos. Isto é: continuamente temos que recomeçar a ser, e nesse recomeço, está implícito o findar (o deixar de ser) de algo ou de uma ação, para que outra se dê.

---

<sup>2</sup> Na nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém, temos o seguinte esclarecimento sobre aquele que seria o autor do livro do Eclesiastes: “Coélet”, ou ‘Eclesiastes’: o homem da assembleia (em hebraico qahal, e, grego ekklesia). De um lado, esse termo significa o Mestre ou Orador; de outro, o representante da assembleia, o público personificado e que, cansado do ensinamento clássico, aproveito o ensejo para fazer uso da palavra.”

<sup>3</sup> “Os mortais habitam à medida que conduzem seu próprio vigor, sendo capazes da morte como morte, fazendo uso dessa capacidade com vistas a uma boa morte”. (HEIDEGGER, 2002, p. 164)

<sup>4</sup> O fenômeno da ambiguidade se faz uma presença forte dentro do romance de Rosa, assumindo diferentes “tonalidades”: “ambiguidade da geografia, que desliza para o espaço lendário; ambiguidade dos tipos sociais, que participam da cavalaria e do banditismo; ambiguidade afetiva, que faz o narrador oscilar, não apenas entre o amor sagrado de Otacília e o amor profano da encantadora “militriz” Nhorinhá, mas entre a face permitida e interdita do amor, simbolizada na suprema ambiguidade da mulher-homem que é Diadorim; ambiguidade metafísica, que balança Riobaldo entre Deus e o Diabo, entre a realidade e a dúvida do pacto, dando-lhe o caráter de iniciado no mal para se chegar ao bem. Estes diversos planos da ambiguidade compõem um deslizamento entre os polos, uma fusão de contrários, uma dialética extremamente viva, - que nos suspende entre o ser e o não ser para sugerir formas mais ricas de integração do ser. E todos se exprimem na ambiguidade inicial e final do estilo, a grande matriz, que é popular e erudito, arcaico e moderno, claro, e obscuro, artificial e espontâneo” (COUTINHO, 1991, p. 305).

Assim, para ganhar abrigo em nosso ser mais próximo e familiar, temos que continuamente nos abrir para a negação desse mesmo ser. Isto é, nos abrir para aquilo que, nesse mesmo ser (que nos é familiar e próximo) existe de desconhecido e distante. “Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir” (ROSA, 1994, p. 440) Por isso é “que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.” (ROSA, 1994, p.25).

O nosso ser consiste, precisamente, nesse “por fazer”, nesse nunca “estar pronto”. Ganhar abrigo em nosso ser significa: abrigar-se nessa “falta” que precisa ser sempre preenchida, sempre realizada. Assim, a morte (o desafinar) como o deixar de ser (não-ser) é o que, estranhamente possibilita todo acontecer (todo afinar) humano (no ser). Somos capazes da morte como morte porque assumimos esse caráter ambíguo da existência – caráter que se revela na tensão do jogo entre nascimento e morte. Jogo que não é possível ganhar ou deixar; jogo que continuamente se repete no nosso cotidiano e sequer nos damos conta. É Riobaldo que diz:

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (ROSA, 1994, p. 43).

Estamos assim, continuamente no meio da nossa existência. Estamos “entre” nascimento e morte, “entre” ser e não ser. Existimos como Riobaldo, sempre atravessando as coisas, sempre na repetição desse atravessamento. Estamos sempre “entre dois”, que é o fenômeno que melhor caracteriza a existência humana, que melhor caracteriza o real. “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. (ROSA, 1994, p.86)

Estando no meio do mundo, no meio da existência, nada existe de certo e de seguro. Nada pode ser medido ou calculado; porque nada dura tempo suficiente para ser medido e nessa medição, ser encapsulado numa definição, que possa com precisão ser repetida. Nada pode ser previsto, nenhum método pode ser elaborado ou aplicado. Isto porque:

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio

da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. (ROSA, 1994, p. 449)

Ora, o que podemos observar, ao longo de Grande Sertão: Veredas é que o sertão expressa o próprio mundo, no qual Riobaldo realiza a sua existência. Sertão/mundo marcado pela ambiguidade que lhe é própria: mundo que revela de imediato os outros, as coisas como já estando determinadas; e que se revela, em si mesmo, como nada – como puro poder ser. Talvez, seja por isso que Rosa inicia o romance com a expressão nonada<sup>5</sup> (Não + Nada) para marcar essa ambiguidade inerente ao fenômeno do mundo/sertão. O mundo em si mesmo, nos remete para o puro possível (o nada), que é sempre de novo realizado numa ação humana qualquer. Nessa realização/ocupação humana, mundo é continuamente negado em sua condição primeira (Não + Nada = nonada). Existimos na periferia desse não - na negação do nada, que é o mundo nele mesmo. E nesse sentido vivemos sempre sob um abismo. Suspensos sob o nada que possibilita a nossa existência.

A tensão de estar sob esse abismo, estar entre o nada (enquanto o puro possível) e o não (a realização, a delimitação desse possível), a tensão desse nonada abre a dimensão trágica da nossa existência. Dimensão representada pelo desespero de Riobaldo em sua busca de certeza, na incerteza da existência. Busca que acaba fazendo dele um pactário.

Logo nas primeiras páginas une-se a nonada o motivo: “viver é muito perigoso”. Viver é perigoso porque o homem está colocado em todos os momentos à beira de um abismo, à beira do nada que é sua insistente tentação. O nada tem nome: “Sujo, Ocultador, o Cujo, o Tal, o Que-diga, o Não-sei-que-diga, o Que-não-fale, o Que não-ri, o Que-nunca-se-ri, o Engracejos, o Tristonho, o Muito-sério, o Austero, o danado, Preto, Cão,”.....A série é vastíssima. Cada nome corresponde a uma manifestação do nada, como ele se apresenta ao Espírito do homem. (SCHÜLER, 1991, p. 369)

O perigo, o maior perigo é o de querer mais do que nos é dado ter. É o perigo da hybris – da desmedida. É Mefistófeles quem alerta Fausto: “Aos homens, Deus deu os dias e as noites” (GOETHE, 1991, 236). Deu o nascimento e a morte e a incerteza de se estar no meio, entre um e outro. Contudo, é precisamente por estarmos no meio, entre dia e noite,

---

<sup>5</sup> “Nonada. Resultante da aglutinação non + Nada. Heloísa V. de Araújo diz: “A palavra ‘nonada’, que inicia o livro, poderia, assim, ser indicação de que o mundo de Grande Sertão: Veredas estaria numa imitação da criação, sendo criado ex-nihelo” (Roteiro de Deus, Pág. 337). N.L. de Castro cita estudos em que se relaciona tal neg. com a preocupação ontológica da obra” (MARTINS, 2001, p. 427)

entre nascimento e morte, que somos acoçados pela tentação do asseguramento. Queremos nos assegurar de que esse possível (o nada) que nos constitui em nossa existência, possa ser previsto e, nessa previsão, calculado. Daí a tentação de se pactuar com esse nada, porque enquanto puro possível, o nada se mostra como a dimensão desde a qual tudo pode vir a se determinar (determinação na qual o próprio nada se oculta). Dimensão que pode nos levar para baixo, caso nós a levemos muito a sério. Por isso Nietzsche nos diz: " E, quando vi o meu Diabo, achei-o sério, metódico, profundo, solene: era o espírito de gravidade - a causa pela qual todas as coisas caem" (NIETZSCHE, 1957, p. 57). O peso advém do fato de se querer prever os acontecimentos, o peso de se buscar um método, um caminho certo e seguro que nos conduza em nossa existência.

Existência e decadência: o pactário.

Riobaldo, ao tentar fazer um pacto com o "Que-não-há", oferece a sua alma em troca da vitória sobre Hermógenes. A alma é o princípio vital, é o que nos mantém vivos. Trocar esse princípio vital pela possibilidade de se assegurar da própria vida/existência é querer trocar o puro possível, pelo previamente determinado. O Diabo aparece como o nada, enquanto esse mesmo nada é "pensado" pelo homem e, por esse pensamento, nomeado. Contudo, esse nome deverá sempre indicar uma ausência, uma falta que deverá indicar a presença do humano. Por outro lado, o nada enquanto o puro possível se revela como o próprio ser enquanto tal, o ser sem nenhuma determinação. O ser assim compreendido é o próprio Deus. Por isso a dúvida de Riobaldo:

Quem sabe, a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é por intermédio do diá? Ou que Deus - quando o projeto que ele começa é muito para adiante, a ruindade nativa do homem só é capaz de ver o próximo de Deus é em figura do Outro? Que é de verdade que a gente presente? (ROSA, 1984, P. 37)

O pacto traduz a decadência do princípio constitutivo da existência (princípio que se expressa na tensão entre o puro possível e a sua determinação, entre o não e o nada), à medida que busca assegurar-se do modo como se dará essa determinação do possível. Riobaldo quer se assegurar da vitória sobre Hermógenes. Quer se assegurar da sua vingança. Daí o pacto – daí a decadência decorrente desse trato. Na busca desse pacto Riobaldo vai ao encontro do Diabo nas Veredas-Mortas, na encruzilhada e no prazo cumprido da meia-noite. Embora todo o ritual seja cumprido, Riobaldo não tem certeza da realização do pacto porque o Outro não aparece no prazo marcado. O que resta é a

dúvida, que se deixa pressentir tanto na fala de Riobaldo (que passa a questionar se o trato foi feito ou não), como na sua conduta. O jagunço volta do encontro modificado. Ele, que nunca tinha certeza de nada, volta determinado na sua intenção de vingar a morte de Joca Ramiro. E ele de fato se vinga, contudo, na concreção dessa vingança, no momento da morte de Hermógenes pelas mãos e pela faca de Diadorim, esse também perde sua vida.

O Diabo ganha pequenas paradas, rápidas e logo concluídas dentro do grande fluir de tudo o que existe e que é Deus; mas nessas pequenas paradas pode se danar um homem. O diabo implica na certeza dessas pequenas paradas que se ganha ou que se tenta ganhar, dentro da incerteza geral que é o fluir, onde tudo se transforma, onde uma coisa sai da outra, e desta outra vai sair outra, e assim sucessivamente. Tentar parar esse fluir através da certeza é a tarefa do diabo. (GALVÃO, 1991, p.419)

Ao receber a sua parte do trato, ao vingar-se de Hermógenes, Riobaldo perde parte da sua alma, ao perder Diadorim. Perde o companheiro de luta e, nessa perda, também se esvai o tormento que o “mau amor oculto” por Diadorim lhe causava. “Então o senhor me responda: o amor assim pode vir do demo? Poderá?!. Pode vir de um-que-não-existe?” (ROSA, 1994, p.191). Perde a causa dos seus tormentos à medida exata em que descobre o segredo guardado pelo companheiro morto:

Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, de coronha... Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Uruçuia, como eu soluçei meu desespero. O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real. (ROSA, 1994, p.862)

A morte de Diadorim dolorosamente realiza o sonho de Riobaldo “Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, eu pudesse mesmo gostar dele – os gostares...” (ROSA, 1994, p.64). Contudo, a condição para que o “mau amor oculto” por Diadorim perca o peso de um amor proibido, é a de que esse amor nunca se realize. Diadorim é outro nome para o nada, o puro possível que, para se manter como tal, deve continuamente se realizar, negando-se. A sua morte evidencia isso. Morte que implica a um só tempo: 1- a possibilidade de Riobaldo realizar o seu amor (ao descobrir que Diadorim é mulher) e, 2 – a impossibilidade de concretizá-lo (já que ela não se encontra mais entre os vivos). Diadorim é homem/ mulher, bem/mal, Deus/Diabo. É nonada.



O pacto, ao ser cumprido, se descumpre. Isto porque o princípio que movia Riobaldo em sua sede de vingança contra Hermógenes, se esvai em sua realização. Diadorim está morto. A vingança foi levada a cabo, contudo, o que era ódio cede lugar ao amor desesperado de Riobaldo por Diadorim. “As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas!” (ROSA, 1994, p. 603).

#### Considerações Finais ou Existência e memória: a dimensão do próprio

A existência, eis o que está em pauta em Grande Sertão: Veredas. O romance de João Guimarães Rosa ganha corpo na fala de Riobaldo que, já velho, se põe a contar a sua vida no sertão de Minas Gerais. É desde a memória e como memória que a existência ganha corpo na fala de Riobaldo.

A memória é do passado, nos diz Aristóteles. Para esse pensador o tempo é regulado pelo antes e depois - o que implica dizer: o tempo segue sempre uma linha demarcada pelo presente. É o presente que deverá determinar o passado (o antes) e o futuro (o depois). Memória é tempo, mas, desde essa concepção, o tempo que se imprime na memória é o tempo passado. É o tempo pretérito que pode ser lembrado – e, desde essa lembrança, tornar-se objeto de uma narrativa. O passado é o feito, o fato que deve retornar como lembrança. A memória torna-se o depósito do passado, o depósito que se forma à medida que são retidas as ações (sejam aquelas nascidas do intelecto, sejam as nascidas do corpo). Passivamente a memória recolhe do cotidiano as ações que se fazem fatos para, posteriormente, trazê-las à vida na forma de lembranças. A memória é afetiva – repositório de afecções passadas.

Contudo, quando nos deparamos com a narrativa de Riobaldo – narrativa que provém da sua memória, percebemos que o tempo que enerva a fala do personagem roseano, não se encontra regulado pelo antes e o depois. Na sua narrativa, o passado, o presente e o futuro se misturam. Riobaldo percebe esse “desalinho” da sua narrativa, e chama a atenção do leitor: “Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas.” (ROSA, 1994, p. 23). “Pois, porém, ao fim retomo, emendo o que vinha contando.” (ROSA, 1994, p. 103). “Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito dificultoso (...) São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado.” (ROSA, 1994, p. 254).

O passado trazido à lembrança em sua fala, mostra-se vivo. Não se trata simplesmente de lembrar a sua vida no sertão, mas a sua fala assume a forma de uma comemoração. Riobaldo faz nascer, em sua fala, a experiência nomeada. A experiência da sua própria existência. Ao narrar os acontecimentos de sua existência, fazendo-a renascer em palavras, Riobaldo dela (existência) se apropria.

Riobaldo quer dizer que a memória é para ele uma posse do que ele viveu, confere-lhe propriedade sobre as vivências passadas, sobre as coisas vividas. Toda uma estrada metafísica pode ter ponto-de-partida nessa concepção. (ROSA, 2003, p.114)

A memória do possível, eis a memória desde a qual nasce a fala de Riobaldo. Ao relembrar os acontecimentos de sua existência, o que Riobaldo faz, ao narrá-los é tomar posse dos fatos vividos por ele. Posse que, de fato se realiza, à medida que ele faz renascer esses mesmos fatos, essas mesmas vivências desde o puro possível, desde o qual elas se originam. Diferentemente da noção de memória presente no pensamento aristotélico (que se mostra como o “lugar” de guarda do passado); a memória de Riobaldo é sempre o resguardo do futuro (enquanto esse puro possível em que radica a existência humana). É o futuro (enquanto esse possível) que perpassa tanto o passado quanto o presente de Riobaldo, e que faz com que os fatos vividos possam ser novamente apropriados pela fala desse personagem. Portanto, a posse de suas vivências, que é garantida pela narrativa que Riobaldo faz de suas aventuras, não se confunde com o ato puro e simples de se apropriar de algo que já se encontraria feito, do fato já realizado. Trata-se antes, de se apropriar da sua condição de existente. Condição de estar continuamente lançado no meio do mundo, no meio do sertão. A narrativa de Riobaldo torna-se, então, incapaz de seguir uma linha “coerente”, na qual se sucederiam o passado, o presente e o futuro de suas ações. O tempo do sertão é o tempo do possível, tempo esse já sempre marcado por um não, que limita e determina o seu acontecimento. Assim, a narrativa do personagem de Rosa é pontuada por perguntas, para as quais não existem respostas definitivas: “O diabo existe e não existe?” (ROSA, 1994, p.7). “Tudo é e não é.” (ROSA, 1994, p. 10).

A pergunta que se impõe é: como é possível a memória como a guarda do possível? Qual dimensão assumida por esse guardar - dentro da fala de Riobaldo? É Antônio Cícero que nos responde:

Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
 Em cofre não se guarda coisa alguma.  
 Em cofre perde-se a coisa à vista.  
 Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por  
 admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
 Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é,  
 velar por ela, isto é, estar acordado por ela,  
 isto é, estar por ela ou ser por ela.  
 Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro  
 Do que um pássaro sem vôos.  
 Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
 por isso se declara e declama um poema:  
 Para guardá-lo:  
 Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:  
 Guarde o que quer que guarda um poema:  
 Por isso o lance do poema:  
 Por guardar-se o que se quer guardar.  
 Antônio Cícero

A maneira de se guardar o possível é na sua pura exposição. Expor isso mesmo que se quer guardar, para que nessa exposição se possa retoma-lo e nessa retomada “fita-lo, mira-lo, admira-lo”. É isso que Riobaldo faz: expõe na palavra e como palavra a existência. E nessa exposição deixa que ela aconteça no seu elemento mais próprio. Na sua fala Riobaldo guarda “o vôo de um pássaro” ao dar liberdade à palavra.

#### Referências:

- CAMPOS, Augusto. Um lance de Dês no Sertão in Coleção Fortuna Crítica 6- Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CÂNDIDO, Antônio. O Homem dos Avessos in Coleção Fortuna Crítica 6- Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CHAVES, Flávio Loureiro. Perfil de Riobaldo in Coleção Fortuna Crítica 6 - Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- FILHO, Rubens Rodrigues Torres. Pontos de Vista in Poesia (e) Filosofia. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.
- FOGEL, Gilvan. Da Pobreza e da Orfandade Sem Vergonha in Ensaios de Filosofia – Homenagem a Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. O certo no Incerto: O Pactário in Coleção Fortuna Crítica 6- Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- GERSEN, Bernardo. Veredas no Grande Sertão in Coleção Fortuna Crítica 6- Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- GOETHE. Fausto. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes, 1989.  
 \_\_\_\_\_. Ensaios e conferências. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARTINS, Nilce Sant' Anna. O Léxico de Guimarães Rosa. São Paulo: EDUSP, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falava Zaratustra: livro para toda a gente e para ninguém. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1957.

NUNES, Benedito. Passagem para o Poético: Filosofia e Poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. Poética do Pensamento in.: Artepensamento. Org.: Adauto Novaes. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. Don Riobaldo do Urucuia, Cavaleiro dos Campos Gerais in Coleção Fortuna Crítica 6 - Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

RIBEIRO, Glória Maria Ferreira. Nas Veredas do Grande Sertão in Trama – Revista de Pós-Graduação da UERJ. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: UNICAMP, 2007.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. Entrevista a Günter Lorenz in Coleção Fortuna Crítica 6 - Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

\_\_\_\_\_. Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: 1958-1967. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SCHELLING, F. W. A Essência da Liberdade Humana. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991

SCHÜLER, Donald. Grande Sertão – Estudos in Coleção Fortuna Crítica 6- Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

SCHWARZ, Roberto. Grande Sertão: Estudos in Coleção Fortuna Crítica 6- Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.